



Alguma poesia

Carlos Drummond de Andrade

O contexto histórico: revoluções, eleições e constituições

No ano de 1929 ocorre o *crack* da Bolsa de Nova Iorque, o que vai afetar violentamente o preço do café, principal produto de exportação do Brasil. No ano de 1930, Getúlio Vargas lidera uma revolução no Rio Grande do Sul, contra o governo de Washington Luís. Com apoio da Paraíba e de Minas Gerais, Washington Luís é deposto em pouco tempo, assumindo o governo do país uma junta militar provisória. É dissolvido o Congresso Nacional e, à exceção de Minas Gerais, os Estados passam a ser governados por interventores federais nomeados. Getúlio Vargas é aplaudido no Rio Grande do Sul e a nação apoia um governo revolucionário. O país entra em crise, enfrentando greves, tumultos. Os estoques de café, para garantia de preço, são queimados.

Em São Paulo, 1932, eclode a Revolução Constitucionalista, que defende a autonomia dos Estados. São Paulo perde a luta.

No ano seguinte, 1933, realizam-se eleições para formar a Constituinte. Em 1934 é promulgada a nova Constituição Brasileira. Getúlio Vargas vai à presidência da República. Em 1935, aprova-se a Lei de Segurança Nacional, dando ao governo poderes de repressão das atividades consideradas subversivas. O operariado entra em greve por todo o país. Há revoluções no Norte e no Nordeste. Decreta-se o estado de sítio no Brasil. Nessa época, 1936, Graciliano Ramos e outros companheiros comunistas — entre eles o chefe do Partido, Luís Carlos Prestes, — são presos no Rio de Janeiro.

Getúlio implanta o Estado Novo, em 1937, por meio de nova Constituição, de feição fascista. Vários são os problemas político-sociais ocorridos entre 1939 — início da Primeira Guerra Mundial — e 1945, ano do término do flagelo e da deposição de Vargas, chegando ao fim o Estado Novo. Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente da República.

No plano cultural, o período vivencia a popularização do futebol e a oficialização do carnaval e corresponde à época áurea do rádio, o primeiro meio de comunicação de massa no Brasil; cultiva-se o samba-canção e pontificam autores como Noel Rosa, Pixinguinha, Ataulfo Alves, Dorival Caymmi, Francisco Alves, Carmem Miranda, Vicente Celestino.

A época: o segundo tempo modernista no Brasil

O Modernismo brasileiro, movimento artístico nascido em 1922, teve em sua primeira geração o arroubo da novidade. A rigor, o movimento viera com disposição de aniquilar o ideário precedente, de romper abruptamente com o passado mais absoluto. Se o Romantismo propusera a disponibilidade de regras e modelos, como apregoou Vítor Hugo, na França, fê-lo com relação ao modelo clássico. O Modernismo, entretanto, intenta romper com toda e qualquer estrutura passadista. Daí o "escândalo" provocado pela Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922.

Passado o calor da primeira fase, observa-se, a partir de 1930, uma postura modernista mais equilibrada: uma postura que, em lugar de se prender pura e simplesmente aos processos de desintegração do passado, torna-se mais voltada para a sobriedade, para um certo equilíbrio emocional, para uma ótica de crítica social e política e pelo interesse de uma visão de conjunto da realidade nacional. Dessa forma, procuram-se consolidar as conquistas de 1922, absorvendo as novas formas e a liberdade de expressão e recuando em relação às propostas mais radicais. O plano ideológico vai sobrepor-se ao plano estético,

enquanto a temática amplia-se, caminhando para o universal. Assim, a produção literária percorre caminhos diferentes, que ilustram a riqueza e a fecundidade do período, em que se destacam:

- A prosa psicológica de caráter intimista e introspectivo cultivada por Érico Veríssimo (em sua obra urbana), Otávio de Faria, Cornélio Pena, Lúcio Cardoso e Cyro dos Anjos, entre outros;
- A prosa regionalista nordestina, de cunho neo-realista, que reuniu o chamado "grupo do nordeste", com autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Américo de Almeida, e da qual o maior nome é, sem dúvida.
- A poesia de cunho espiritualista católico do grupo "Festa", em que se reuniram nomes como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt;
- A poesia de inspiração surrealista de Murilo Mendes;
- A poesia de cunho filosófico-ideológico de Carlos Drummond de Andrade, considerado por grande parte da crítica como o maior poeta brasileiro de todos os tempos.

O poeta: Carlos Drummond de Andrade

Carlos Drummond de Andrade nasceu na pequena Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, no dia 31 de outubro de 1902, e morreu no Rio de Janeiro, em 17 de agosto de 1987.

Aos catorze anos, vai para Belo Horizonte, a fim de estudar em um internato, mas, de estrutura frágil, tem de abandonar os estudos por problemas de doença. Regressa a Itabira e passa a ter aulas particulares.

Dois anos depois, em 1918, segue para outro internato, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, de onde é expulso, apesar de ser um aluno destacado, sob a acusação de "insubordinação mental". Esse fato teria consequências sérias e inalteráveis por toda a sua vida: percebe que "perdeu tempo, perdeu a fé, perdeu a confiança na capacidade de justiça daqueles que podiam julgá-lo." E assim, o poeta se tornaria um agnóstico até o fim de seus dias.

Forma-se em Farmácia em Belo Horizonte, mas não exerce a profissão: dedica-se a atividades jornalísticas e à poesia, enquanto cursa a faculdade na capital mineira. Lá também conhece Mário de Andrade, que estava de passagem, em viagem pelas cidades históricas com outros companheiros modernistas, como Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Teria início aí uma grande e fiel amizade, alimentada por farta correspondência entre os dois escritores, até a morte de Mário, em 1945. Ainda em Belo Horizonte, Drummond integra-se ao grupo de renovação modernista e dirige sua primeira publicação, *A Revista*, de efêmera duração.

A convite do amigo Gustavo Capanema, então ministro de governo, vai para o Rio de Janeiro e inicia a atividade de funcionário público, enquanto se dedica à produção de suas poesias e crônicas. Sua carreira literária intensifica-se nos anos 50 e, aposentado a partir de 62, dedica-se totalmente a ela.

Carlos Drummond de Andrade recebeu inúmeros prêmios e teve sua obra traduzida para várias línguas; é considerado, por muitos críticos, o maior poeta brasileiro do Século XX. Morreu no Rio de Janeiro aos oitenta e quatro anos, vítima de ataque cardíaco.

Drummond escreveu poesia e prosa, com destaque para os contos e as crônicas, nesta última. Entre suas principais obras, cabe mencionar as seguintes:

- poesia: *Alguma poesia*; *Brejo das almas*; *Sentimento do mundo*; *Poesia & José*; *A rosa do povo*; *Poesia até agora*; *Claro enigma*; *Viola de bolso*; *Fazendeiro do ar*; *Viola de bolso novamente encordoada*; *A vida passada a limpo*; *Lição de coisas*; *Versiprosa I e II*; *Boitempo & a Falta que Ama*; *Boitempo II*; *Boitempo III*; *Reunião*; *As impurezas do branco*; *A paixão medida*; *Corpo*; *Amar se aprende amando*; *Poesia errante*; *O amor natural*
- prosa: *Confissões de Minas*; *Contos de Aprendiz*; *Fala, amendoeira*; *A bolsa & a vida*; *Cadeira de balanço*; *Caminhos de João Brandão*; *O poder ultrajovem*; *De notícias & não-notícias faz-se a crônica*; *Os dias lindos*; *Contos plausíveis*; *O observador no escritório*; *Tempo, vida, poesia*; *O avesso das coisas*; *Moça deitada na grama*.

A poesia de Drummond: o homem e o mundo

A obra poética de Drummond é a expressão de seu amadurecimento individual frente a um mundo em permanente mutação. Percorrem-na temas básicos, desenvolvidos de diversas maneiras, o que permite divisarem-se quatro fases evidentes em sua poesia.

A primeira fase evidencia o lado *gauche* do poeta, que se apresenta poeticamente como um “eu” diferente, deslocado, às avessas das coisas. É marcada por um pessimismo irônico e por um certo individualismo, numa postura de “subjetividade irônica” na abordagem antilírica da relação entre o “eu” e o mundo.

Nesta fase, o “eu” mostra uma posição de eqüidistância e não envolvimento em relação à realidade exterior: os fatos, os sentimentos, as sensações do mundo aparecem como se o poeta apenas os registrasse, buscando o aprofundamento e a universalização da temática do cotidiano.

O texto objetivo, muitas vezes seco, é expresso numa linguagem coloquial, em versos preferencialmente curtos, que trazem a incorporação do prosaico e são marcados pelo humor, pela irreverência e pelo sarcasmo. É também a fase do poema-piada, do poema-pílula, do poema-paródia.

Alguma poesia pertence a esta fase, assim como *Brejo das almas*.

A segunda fase é a da poesia social, que foi cultivada dentro de um contexto histórico problemático — a ascensão do nazi-fascismo, a Segunda Guerra Mundial, a ditadura de Getúlio Vargas —, o que provocou reflexos na cosmovisão do poeta, caracterizada, agora, pela preocupação com o indivíduo e com a sociedade e pela consciência da debilidade do mundo. Este, o mundo, afigura-se-lhe como um conjunto de instituições opressoras e sufocantes do Homem, que tem de enfrentar, ininterruptamente, obstáculos e desencontros.

Trata-se, aqui, de uma poesia engajada, marcada pelo sentimento de solidariedade em relação às frustrações e às esperanças do homem em relação ao mundo. Os temas mais recorrentes são a política, a guerra, o sofrimento, a solidão, a impotência do ser humano diante do mundo — o “sentimento do mundo”, ao par da procura e consideração da poesia (a reflexão metalinguística); e somando-se a algumas constantes como a família, o amor, a velhice.

Nesta fase, o compromisso do poeta avulta-se, direcionado tanto à linguagem poética, tanto à participação social. As obras mais representativas são *A rosa do povo*; *Sentimento do mundo* e *José*, com destaque para os poemas: *Consideração do Poema*, *Procura da Poesia*, *a Flor e a Náusea*, *O Medo*, *Nosso Tempo*, *Resíduo*, *Morte no Avião*, *Confidência do Itabirano*, *Retrato de Família*, *Os Ombros Suportam o Mundo*, *Nova Canção do Exílio*, *Mãos Dadas*, *José*, *O Sentimento do Mundo*, *Os mortos de Sobrecasaca*, *Caso do Vestido*, *Áporo*, entre outros.

Na terceira fase, além dos temas já consagrados e habituais em sua obra — o “sentimento do mundo”; a procura e consideração da poesia (a reflexão metalinguística); o cotidiano; a vida, a morte, a família, o amor, a velhice etc.) — a trajetória poética de Carlos Drummond de Andrade percorre dois caminhos principais: a poesia reflexiva, de cunho metafísico, e a poesia objetual.

A poesia reflexiva, de cunho metafísico, marca-se pelo pessimismo corrosivo, pelo negativismo, pelo tom de desencanto e amarga ironia. Fechado em si mesmo, envolvido no sentimento de dor pelo desgaste da vida, o “eu” procede a uma verdadeira escavação do real, num processo de interrogações e negações em que o vazio parece estar sempre à espreita do Homem. A obra mais representativa dessa poesia é *Claro enigma*, da qual merecem destaque os poemas *Confissão*, *Memória*, *Um Boi Vê os Homens*, *Amar*, *Entre o Ser e as Coisas*, *A Máquina do Mundo*, *Cantiga de Enganar*.

Na poesia objetual, a palavra é o objeto principal e deve ser pesquisada, trabalhada, desintegrada e refundida na página; ocorre, aqui, o privilégio do universo das palavras sobre o dos temas, sendo freqüente o emprego de neologismos, sugestões visuais, rupturas sintáticas, aliterações. Trata-se da poesia sobre a poesia, do exercício da metalinguagem, da metapoesia, em que a dificuldade da comunicação poética implica a procura da poesia. A obra mais representativa é *Lição de coisas*, com destaque para os poemas *Isso é Aquilo*, *A Bomba* e outros.

À quarta fase corresponde o memorialismo poético e filosófico. O universo da memória destaca-se, com a retomada e o aprofundamento de temas marcantes de sua obra, como o cotidiano, a infância, a família, Itabira etc., ao par da presença dos temas universais. Ocorre, assim, a convivência entre aspectos diferentes das fases anteriores: o humor, o pessimismo, a síntese, a indagação existencial, o questionamento da própria poesia. As obras mais representativas são *Boitempo & A falta que ama*; *Boitempo I, II e III*, *As impurezas do branco*; *A paixão medida*; *Corpo*; *O avesso das coisas*, com destaque para os poemas “As Contradições do Corpo”; “A Metafísica do Corpo”; “Ausência”; “As Sem-Razões do Amor”; “Verdade”; *A Hora do Cansaço*; “Igual-Desigual”; “Patrimônio”.

A classificação temática de sua obra foi feita pelo próprio poeta, no livro *Antologia poética*, organizado por ele e publicado em 1962. Nessa classificação, Drummond considerou nove “pontos de partida ou matéria de poesia”:

- “um eu todo retorcido”: o indivíduo complicado, torturado, fragmentado, “retorcido”;
- “uma província: esta”: a relação com a origem, Itabira, sua terra natal, arraigada dentro dele;
- “a família que me dei”: indagações sobre os mistérios da família, parte da vida do poeta;
- “cantar de amigos”: poemas em homenagem a amigos e a pessoas admiradas pelo poeta;
- “amar-amado”: o conhecimento do amor e o amor como forma de conhecimento, sem sentimentalismos ou emoções fáceis;
- “uma, duas argolinhas”: jogos com as palavras, exercícios lúdicos de poesia;
- “poesia contemplada”: questionamento e busca da própria poesia;
- “na praça de convites”: o choque social, a relação do indivíduo com o espaço social que o cerca;
- “tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo”: indagações e questionamentos sobre a existência.

Alguma poesia: a estreia do poeta

Alguma poesia é o livro de estreia de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1930. Contém cinquenta e seis poemas — muitos deles, micropoemas — e tem sido considerado como elo de ligação entre a primeira e a segunda gerações do nosso Modernismo, representando a síntese mais perfeita entre elas. O livro pertence, portanto, à sua primeira fase de sua trajetória, fase em que se revela seu lado *gauche*: o eu poético é um “eu” diferente, deslocado, às avessas das coisas e por sua vez avesso a todo e qualquer confessionalismo.

O tom antilírico faz lembrar muito mais um simples reconhecimento dos fatos do que o envolvimento emocional com eles. Tem-se, assim, uma abordagem antilírica da relação entre o “eu” e o mundo, marcada pela ironia e pela posição de equidistância e não envolvimento com a realidade exterior: os fatos, os sentimentos, as sensações do mundo aparecem como se o poeta apenas os registrasse.

O texto objetivo, muitas vezes seco, com versos preferencialmente curtos, deixa transparecer o pessimismo e um certo individualismo, ao par do sarcasmo e da irreverência diante de alguns fatos do cotidiano que acabam constituindo verdadeiros pontos de partida para a investigação existencial.

Desse modo, o poeta aprofunda e universaliza a temática do cotidiano, incorporando o prosaico, o não poético: seja no tédio das pequenas cidades, na “vida besta”, seja nas contradições dos grandes centros, o mundo visto pelo eu poético é um “mundo caduco”, no qual ele se sente “*gauche* na vida”, como lhe anunciara o “anjo torto”, quando nasceu:

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
 desses que vivem na sombra
 disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.
 As casas espiam os homens
 que correm atrás de mulheres.
 A tarde talvez fosse azul,
 não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.
O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.
Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é o meu coração.
Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

As “sete faces” referidas no título podem ser vistas como as sete estrofes do poema, que criam um auto-retrato descontínuo do eu lírico, em uma montagem caleidoscópica, fragmentada. O eu é torto, desajeitado, inadequado, *gauche*, anunciado — ou denunciado — por um anjo também torto, irreverente. O tom irônico, amargo denuncia a sensação de impotência diante do mundo, ironizado em “Mundo mundo vasto mundo” e “Eu tenho um coração maior que o mundo”, o que, no entanto, não resolve a questão. O final do poema marca-se pelo tom confessional, mas ele é atribuído aos efeitos da lua e do álcool: resguarda-se, assim, o sujeito poético por meio do humor triste e desencantado que marca a sua poesia.

Em “Infância”, a valorização do prosaico, do cotidiano encontra eco na simplicidade essencial que marca o poema, expresso em versos livres, com estrofação irregular e linguagem coloquial. Assim, a simplicidade da forma reflete a simplicidade da infância do “eu” poético, marcada pela segurança, pelo afeto, proteção que mais tarde ele reconheceria como mais bonitos que a vida de aventuras de Robinson Crusóé:

Infância

A Abgar Renault
Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé.
Comprida história que não acaba mais.
No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.
Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!
Lá longe meu pai campeava

no mato sem fim da fazenda.
E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

O antológico “No meio do Caminho” — talvez a mais conhecida composição de Drummond — apresenta caráter antipoético e antilírico. Aqui, a incorporação do coloquial — como o uso do verbo “ter” por “haver” e a omissão proposital da preposição “de” no sétimo verso — contribui para o forte recurso expressivo criado pela repetição. A pedra, obstáculo intransponível, evidencia-se como o eixo em torno do qual os versos se repetem, sem conseguir ultrapassá-la:

No Meio do Caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

O impasse entre o homem e o mundo reflete-se na rivalidade entre o pequeno e o médio, na luta pelo poder, de que sai vitorioso o grande, com sua prepotência e arrogância, em “Política Literária”:

Política Literária

A Manuel Bandeira
O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.
Enquanto isso o poeta federal
tira ouro do nariz.

“Quadrilha” é um poema-piada, marcado pelo tom amargo que expressa o desencontro amoroso, através da ironia: Lili, — “que não amava ninguém” —, é quem se casa, escapando à solidão, embora isso não pressuponha amor. O sentimento amoroso é visto através de um humor desencantado, sob a perspectiva da falta de reciprocidade e receptividade nas relações:

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J.Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

Em “Anedota Búlgara”, o poeta procede à subversão da estrutura do conto de fadas, que começa geralmente com a frase “Era uma vez”. Aqui, a frase adquire a conotação de ironia, de humor negro, espelhando a inquietação do “eu” poético:

Aneidota Búlgara

Era uma vez um czar naturalista
que caçava homens
Quando lhe disseram que também se caçam borboletas e andorinhas,
ficou muito espantado
e achou uma barbaridade.

Outro micro-poema, “Cota Zero” é também um poema-piada ao mesmo tempo, e reflete a incorporação do espírito de vanguarda do Primeiro Tempo Modernista no Brasil: a máquina, o coloquial. Por outro lado, deixa transparecer a crítica à euforia pelo progresso, atentando para o perigo da escravidão à máquina:

Cota Zero

Stop.
A vida parou
ou foi o automóvel?

Em “Nota Social”, há a ironia sobre a própria vida do poeta: o poeta faz as coisas sem pensar, suas ações são esvaziadas de sentido, como o canto da cigarra, que é banalizado pelo progresso, pela vida mecânica, ninguém o ouve. Imerso na rotina e na monotonia, o poeta não distingue a vaia do aplauso (ovação). Os versos são livres e a estrofação, irregular, expressos em linguagem antilírica, factual, prosaica, o que acentua o efeito irônico, crítico do título “Nota Social”:

Nota Social

O poeta chega na estação.
O poeta desembarca.
O poeta toma um auto.
O poeta vai para o hotel.
E enquanto ele faz isso
como qualquer homem da Terra,
uma ovação o persegue
feito vaia.
Bandeirolas
abrem alas.
Bandas de música. Foguetes.
Discursos. Povo de chapéu de palha.
Máquinas fotográficas assestadas.
Automóveis imóveis.
Bravos...
poeta está melancólico.
Numa árvore do passeio público
(melhoramento da atual administração)
árvore gorda, prisioneira
de anúncios coloridos,
árvore banal, árvore que ninguém vê
canta uma cigarra.
Canta uma cigarra que ninguém ouve
um hino que ninguém aplaude.
Canta, no sol danado.
O poeta entra no elevador
O poeta sobe
O poeta fecha-se no quarto.
poeta está melancólico.

“Sweethome” mostra o enfado, o tédio da “burguesia contente”, que se alimenta de folhetins, levando uma vida de mentiras, de conforto, diferente do mundo lá fora, o mundo “torto” que chega pelas notícias de jornal:

Sweethome

A Ribeiro Couto
Quebra-luz, aconchego.
Teu braço morno me envolvendo.
A fumaça de meu cachimbo subindo.
Como estou bem nesta poltrona de humorista inglês.
jornal conta histórias, mentiras...
Ora afinal a vida é um bruto romance
e nós vivemos folhetins sem o saber.
Mas surge o imenso chá com torradas,
chá de minha burguesia contente.
Ó gozo de minha poltrona!
Ó doçura de folhetim!
Ó bocejo de felicidade!

“Também Já Fui Brasileiro” marca-se pelo tom de confiança: o “eu” poético se dirige aos brasileiros (receptores); um “eu” poético poeta *gauche*, ironizado em vários estilos (não adianta o estilo), seja o romântico, o nacionalista ou o boêmio, pois quando os bares se fecham, ele perde as referências:

Também Já Fui Brasileiro

Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.
Eu também já fui poeta.
Bastava olhar para mulher,
pensava logo nas estrelas
e outros substantivos celestes.
Mas eram tantas; o céu tamanho,
minha poesia perturbou-se.
Eu também já tive meu ritmo.
Fazia isso, dizia aquilo.
E meus amigos me queriam,
meus inimigos me odiavam.
Eu irônico deslizava
satisfeito de ter meu ritmo.
Mas acabei confundindo tudo.
Hoje não deslizo mais não,
não sou irônico mais não,
não tenho ritmo mais não.

O poema “Papai Noel às Avestas” apresenta um Papai Noel “torto” também, que entra pelos fundos, rouba os brinquedos das crianças adormecidas, vive num mundo torto, avesso, marcado pelas relações burguesas de aparências, que se caracterizam pelo desencontro, pelos obstáculos e afastamentos:

Papai Noel às Avestas

A Afonso Arinos (sobrinho)
 Papai Noel entrou pela porta dos fundos
 (no Brasil as chaminés são tão impraticáveis),
 entrou cauteloso que nem marido depois da farra.
 Tateando na escuridão torceu o comutador
 e a eletricidade bateu nas coisas resignadas,
 coisas que continuavam coisas no mistério do Natal.
 Papai Noel explorou a cozinha com olhos espertos,
 achou um queijo e comeu.
 Depois tirou do bolso um cigarro que não quis acender.
 Teve medo talvez de pegar fogo nas barbas postiças
 (no Brasil os papai-noéis são todos de cara raspada)
 e avançou pelo corredor branco de luar.
 Aquele quarto é o das crianças.
 Papai entrou compenetrado.
 Os meninos dormiam sonhando outros natais muito mais
 mas os sapatos deles estavam cheinhos de brinquedos
 soldados mulheres elefantes navios
 e um presidente da república de celulóide.
 Papai Noel agachou-se e recolheu aquilo tudo
 no interminável lenço vermelho de alcobaça.
 Fez a trouxa e deu o nó, mas apertou tanto
 que lá dentro mulheres elefantes soldados presidente brigavam por causa do aperto.
 Os pequenos continuavam dormindo.
 Longe um galo comunicou o nascimento de Cristo.
 Papai Noel voltou de manso para a cozinha,
 apagou a luz, saiu pela porta dos fundos.
 Na horta, o luar de Natal abençoava os legumes.

A simplicidade é outra importante característica da poesia de Drummond presente neste livro. A linguagem descarnada, coloquial, sem enfeites ou pretensões; os versos geralmente livres, dispostos em estrofes heterogêneas; o tom não discursivo; o enfoque do banal, do corriqueiro podem levar o leitor a esquecer-se de que está diante de um dos maiores poetas da língua. E que ele, em sua aparente simplicidade e despretensão, promove uma verdadeira e espantosa escavação do real e a implacável denúncia de um mundo caduco, imbecilizado pela violência, pela ganância, pelos jogos do poder, pelo hábito de se valorizar sempre o que está distante, sempre os “exotismos” enganosos que impedem que se veja que esse mundo caduco é o mesmo, em todo e qualquer lugar:

Europa, França e Bahia

Meus olhos brasileiros sonhando exotismos
 Paris. A torre Eiffel alastrada de antenas como um caranguejo.
 Os cais bolorentos de livros judeus
 a água suja do Sena escorrendo sabedoria.
 O pulo da Mancha num segundo.
 Meus olhos espiam olhos ingleses vigilantes nas docas.
 Tarifas bancos fábricas trustes craques.
 Milhões de dorsos agachados em colônias longínquas formam um tapete
 [pra Sua Graciosa Majestade Britânica pisar.
 E a lua de Londres como um remorso.
 Submarinos inúteis retalham mares vencidos.
 O navio alemão cauteloso exporta dolococéfalos arruinados.
 Hamburgo, umbigo do mundo.
 Homens de cabeça rachada cismam em rachar a cabeça dos outros dentro
 [de alguns anos.

A Itália explora conscienciosamente vulcões apagados,
vulcões que nunca estiveram acesos
a não ser na cabeça de Mussolini.
E a Suíça cândida se oferece
numa coleção de postais de altitudes altíssimas.
Meus olhos brasileiros se enjoam da Europa.
Não há mais Turquia.
O Impossível dos serranhos esfacela erotismos prestes a deslanchar
Mas a Rússia tem as cores da vida.
A Rússia é vermelha e branca.
Sujeitos com um brilho esquisito nos olhos criam o filme bolchevista
e no túmulo de Lênin em Moscou
parece que um coração enorme está batendo, batendo
mas não bate igual ao da gente...
Chega!
Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.
Minha boca procura a "Canção do exílio".
Como era mesmo a "Canção do Exílio"?
Eu tão esquecido de minha terra...
Ai terra que tem palmeiras
onde canta o sabiá!

E há a procura da poesia, a reflexão da poesia sobre a própria poesia, sobre o fazer poético, num exercício de metalinguagem presente em toda a sua obra e que permite evidenciar o árduo trabalho com a palavra:

Poesia

Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieta, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.

Explicação

Meu verso é minha consolação.
Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua cachaça.
Para beber, copo de cristal, canequinha de folha-de-flandres,
folha de tjoba, pouco importa: tudo serve.
Para louvar a Deus como para aliviar o peito,
queixar o desprezo da morena, cantar minha vida e trabalhos
é que faço meu verso. E meu verso me agrada.
Meu verso me agrada sempre...
Ele às vezes tem o ar sem-vergonha de quem vai dar uma cambalhota,
mas não é para o público, é para mim mesmo essa cambalhota.
Eu bem me entendo.
Não sou alegre. Sou até muito triste.
A culpa é da sombra das bananeiras de meu país, esta sombra mole,
preguiçosa.
Há dias em que ando na rua de olhos baixos
para que ninguém desconfie, ninguém perceba
que passei a noite inteira chorando.
Estou no cinema vendo fita de Hoot Gibson,
de repente ouço a voz de uma viola...

saio desanimado.
Ah, ser filho de fazendeiro!
À beira do São Francisco, do Paraíba ou de qualquer córrego
vagabundo,
é sempre a mesma sen-si-bi-li-da-de.
E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.
Aquela casa de nove andares comerciais
é muito interessante.
A casa colonial da fazenda também era...
No elevador penso na roça,
na roça penso no elevador.
Quem me fez assim foi minha gente e minha terra
e eu gosto bem de ter nascido com essa tara.
Para mim, de todas as burrices a maior é suspirar pela Europa.
A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso de dinheiro
e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a perna na gente.
O francês, o italiano, o judeu falam uma língua de farrapos.
Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma canalha só,
lê o seu jornal, mete a língua no governo,
queixa-se da vida (a vida está tão cara)
e no fim dá certo.
Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou.
Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?

Atividades

1. Pode-se afirmar que uma das principais constantes da poesia de Carlos Drummond de Andrade é o enfoque da relação entre _____.

(FUVEST) Texto para as questões de 2 a 5:

Cidadezinha Qualquer
Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar.., as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.

Esse poema é de Carlos Drummond de Andrade e foi escrito na década de 20, sob a influência de ideias modernistas.

2. (FUVEST) Que aspectos da realidade nacional estão representados nas duas primeiras estrofes?
3. (FUVEST) Que valores estão implícitos no ponto de vista adotado pelo poeta no último verso do poema?
4. (FUVEST) A mesma oração repete-se nos versos 4, 5 e 6, mudando apenas o sujeito. Exponha, com base no próprio poema, a intenção contida tanto na mudança quanto na repetição.
5. (FUVEST) Ainda nesses versos, a oração mantém a mesma ordem de construção, invertendo-a no 7º. verso. Explique a conseqüência da inversão na visão que se oferece da cidadezinha.